

LISBOA, TOPONÍMIA NO FEMININO, X

Marília Viterbo de Freitas

FREGUESIA DE SANTOS-O-VELHO

A freguesia de Santos-o-Velho é uma freguesia antiga de que faz parte a Madragoa, conjunto axadrezado de ruas, a que se chamou Mocambo por inicialmente ser habitado por população negra, pobre, que se dedicava aos trabalhos mais duros em Lisboa. Mais tarde torna-se um bairro de pescadores e de homens de estiva, provenientes de Ílhavo, Murtosa e Ovar, e de mulheres que se dedicam à venda de peixe, tanto nas ruas como no mercado da Ribeira, mulheres que também trabalham no comércio do sal e do carvão. Vendedoras de peixe, de início chamadas de ovarinas por na sua maior parte serem originárias de Ovar, passaram a ser denominadas varinas, nome por que ainda hoje são conhecidas. O nome de Madragoa parece ter origem nas Madres de Goa, também conhecidas por Senhoras da Índia.

É uma freguesia cuja história remonta a D. Afonso Henriques, rei que mandou construir uma ermida em memória dos Santos Mártires de Lisboa, os irmãos Veríssimo, Máximo e Júlia. Estes irmãos, filhos de um nobre senador, foram supliciados pelo delegado de Diocesiano por serem cristãos e divulgarem a sua fé, tendo sido sepultados em Santos. É ainda a D. Afonso Henriques que se atribui a decisão de mandar instalar as comunidades religiosas masculinas nas colinas a nascente de Santos, concretamente os Jesuítas, os Franciscanos, os Agostinhos e os Dominicanos e nas colinas a poente as comunidades religiosas femininas, as comendadeiras de Santiago, das Trinas, das Isabéis, das Brigidas, das Madres de Goa e das Bernardas.

É junto da ermida mandada construir por D. Afonso Henriques que D. Sancho I funda o Convento dos Frades da Ordem de Santiago onde no século XIII e até fins do século XV, se instalam as Comendadeiras da

mesma Ordem, data em que D. João II lhes manda construir o Convento de Santos-o-Novo.

No século XVI é construído o Paço Real de Santos, o Convento da Esperança, a Igreja de Santos-o-Velho e o mosteiro das Albertas. No início do século XVII é fundado o Convento dos Marianos, o das religiosas Carmelitas Dascalças, invocando N.^a Sr.^a dos Remédios e é inaugurada a respectiva igreja. O convento das Bernardas, recolhimento de mulheres penitentes, o Convento das Trinas e o Palácio Alvor Távoras (actual Museu de Arte Antiga), são construídos entre 1650 e 1690.

O Chafariz da Esperança, com projecto de Carlos Mardel, inicia-se em 1752 e vai receber a água do Aqueduto das Águas Livres através do Arco de S. Bento.

Com o terramoto de 1755 o Convento das Bernardas é destruído mas é reconstruído alguns anos mais tarde.

O Convento dos Marianos no século XIX torna-se um Hospital Militar onde são tratados doentes infectados com febre-amarela, epidemia grave que graçou no país na época.

Já no século XX o Instituto Hidrográfico é instalado no Convento das Trinas, é ampliado o Museu de Arte Antiga e é construído o Cinema Cinearte com desenho do arquitecto Rodrigues Lima. Em 1945 inaugura-se a Estação Marítima da Rocha de Conde de Óbidos, projecto do arquitecto Pardal Ribeiro.

Nesta freguesia encontram-se os seguintes topónimos femininos de denominação não oficial:

Travessa e Pátio do Convento das Bernardas, ligados à existência do Convento das Bernardas;

Travessa das Inglesinhas – em consequência de existir um convento de religiosas inglesas, fundado em 1594 em terrenos cedidos por D. Isabel de Azevedo;

Travessa das Isabeis – nome proveniente da existência do Recolhimento de Santa Isabel da Hungria, fundado em fins do século XVI ou início do século XVII por D. Isabel de Jesus; mais tarde neste convento foi instalado o Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras; Santa Isabel da Hungria, também chamada Santa Isabel da Turíngia dado ter casado com Luís da Turíngia aos 13 anos de idade. Após a morte do marido, vítima de uma epidemia quando acompanhava a cruzada do imperador Barbaroxa, Isabel foi regente durante a menoridade do filho, mas acabou despojada de tudo pelo cunhado Henrique que se apoderou

da administração e do governo; durante três anos viveu na miséria, sem amigos, sem casa, sem amparo, e mendigou para conseguir sobreviver; quando lhe foram restabelecidos os direitos e títulos renunciou a tudo a favor do filho, e toda a sua vida foi dedicada à religião e à caridade; foi canonizada pelo papa Gregório IX em 1235, quatro anos após a sua morte

Rua da Esperança – deve o nome ao Convento da Esperança, inicialmente chamado Casa Religiosa de N.ª S.ª da Piedade e também conhecido por Convento Religioso da Bela Vista dada a sua localização perto do rio; fundado em 1530 por uma senhora castelhana, D. Isabel de Mendanha, para “senhoras nobres”; passa mais tarde a Convento da Irmandade de Pilotos e Mestres Náuticos; em finais do século XIX foi aí instalado o Quartel dos Bombeiros Municipais;

Rua das Madres – nome proveniente da existência do Convento das Freiras Bernardas;

Rua da Madragoa – este nome tem origem nas Madres de Goa, também denominadas Senhoras da Índia;

Rua das Francesinhas (Edital de 28 de Agosto de 1950, Diário Municipal n.º 4605 de 5 de Setembro de 1950) – esta rua é o único vestígio do antigo Convento do Santo Crucifixo das Capuchas da Bretanha, fundado no século XVII por influência de D. Maria Francisca Isabel, casada com D. Afonso VI e mais tarde com D. Pedro II. As religiosas capuchinhas que vieram com a rainha já com a intenção de fundar um convento em Lisboa, instalaram-se no Convento da Esperança até lhes ser construído um convento de raiz, o que veio a acontecer em 1667. O Convento das Francesinhas resistiu ao terramoto de 1755, mas não resistiu à lei de 1834 que determinava a extinção das ordens religiosas masculinas e o fim do noviciado nas ordens femininas. Em finais do século XIX, quando faleceu a última freira desta Casa, instalou-se no edifício conventual um posto de saúde e uma esquadra de polícia. A demolição do Convento iniciou-se em 1911, o terreno ficou ao abandono alguns anos e hoje existe no local um jardim.

FREGUESIA DE SANTA ISABEL

Esta freguesia teve a sua origem na ermida de Santo Ambrósio, à volta da qual foi crescendo o casario e foi confirmada regiamente em 1770. Era nesta época uma das maiores freguesias de Lisboa, pois incluía as áreas que hoje fazem parte das freguesias de Campolide, de S. Mame-

de, do Santo Condestável, dos Prazeres e ainda alguns espaços hoje pertencentes à freguesia de Alcântara. Existem alguns vestígios arqueológicos pré-históricos no vale de Alcântara e da época romana na Rua da Escola Politécnica, onde se podem ver lápides epigrafadas.

Inicialmente de cariz semi-rural, transformou-se após o terramoto de 1755 que fez deslocar para esta freguesia populações de comerciantes e de artesãos da baixa da cidade.

Assim, existem lado a lado casas solarengas, pombalinas, pátios e vilas, ruelas e recantos.

Nesta freguesia encontramos alguns topónimos femininos, Pátio da Galega, Pátio das Pretas e Pátio da Conceição de denominação não oficial e cuja origem se desconhece, dois topónimos hagiográficos, Beco e Travessa de Santa Quitéria e Rua de Santa Isabel, e um civil, Rua Maria Ulrich.

Rua de Santa Isabel (Edital de 1 de Agosto de 1990)

Santa Isabel, Rainha de Portugal, mulher de D. Dinis, era filha de Pedro III de Aragão e de sua mulher D. Constança filha dos reis de Nápoles e da Sicília. O nome de Isabel foi-lhe dado em memória de sua tia Santa Isabel da Hungria. Ainda na corte de seus pais já era muito piedosa e devota, características que desenvolveu já Rainha de Portugal. Dedicou-se tanto aos seus deveres de estado como à caridade que praticou nos locais onde a corte se instalava. Fazia entrar no paço, secretamente, os pobres da região, lavava-os, dava-lhes de comer e também algum dinheiro.

Interveio nas discórdias entre o rei D. Dinis e o filho D. Afonso, facilitando a paz entre ambos, acolheu no paço os filhos bastardos de D. Dinis, ajudando-os sempre.

D. Isabel teve dois filhos, D. Afonso, futuro Afonso IV e D. Constança que casou com Fernando IV de Castela.

As lutas entre o filho D. Afonso e D. Dinis, resultantes de D. Afonso acusar o pai de preferir e proteger Afonso Sanches seu filho bastardo, e de pretender excluí-lo da sucessão ao trono em favor de seu irmão, levaram-na a intervir várias vezes, quer na corte, procurando acabar com intrigas e conspirações, quer mesmo na frente de batalha quando pai e filho se enfrentaram com as respectivas tropas, o que aconteceu em Coimbra e em Lisboa. Nesta última cidade as tropas do rei e de D. Afonso encontravam-se frente a frente e D. Isabel teve grande dificuldade em estabelecer a paz entre ambos. No local, onde hoje é o Campo Grande, foi colocado um padrão comemorando a paz alcançada.

Após a morte de D. Dinis, D. Isabel retira-se para o Convento de Santa Clara em Coimbra, convento este que já tinha mandado ampliar e junto do

qual tinha mandado construir uma igreja e um hospital para pobres. Quis professar, mas por influência de familiares e de nobres não o fez. Devota de S. Tiago foi algumas vezes a Compostela, em peregrinação.

Adoeceu quando se dirigia para Estremoz, mais uma vez para fazer a paz entre familiares desavindos, neste caso entre o filho D. Afonso IV e o rei de Castela. Faleceu naquela vila alentejana, sendo dias depois conduzida para Coimbra para o Convento de Santa Clara.

Mandou construir hospitais, igrejas e capelas em vários locais do país, nomeadamente em Coimbra, Leiria e Santarém.

Foram-lhe atribuídos alguns milagres dos quais os mais conhecidos são os milagres das rosas. O mais célebre é a transformação do ouro que levava para dar aos pobres, em rosas, quando o rei lhe perguntou o que tinha escondido no manto. Conta-se também ter pago com rosas o trabalho dos operários encarregados da construção de uma igreja em Leiria, rosas essas que também se transformaram em ouro.

Foi beatificada pelo papa Leão X e canonizada a 25 de Maio de 1652 pelo papa Urbano VII.

Beco de Santa Quitéria (Edital do Governo Civil de 1 de Setembro de 1859)

Trav. de Santa Quitéria (sem data)

O culto de Santa Quitéria começa a expandir-se a partir do século XII em França, depois de um martirologio francês referir a sua morte, caracterizando-a como mártir, embora não esclarecendo o tempo e o lugar do martírio.

O culto expande-se e Santa Quitéria é venerada como virgem e mártir. A lenda biográfica mais antiga diz que é filha do rei Catílio e descendente de Juliano Apóstata. Refere ainda que a Santa consagrou a Cristo a sua virgindade pelo que rejeitou Germano, o noivo que os pais lhe tinham destinado. A mesma lenda diz que Santa Quitéria foge, e que depois de vários acidentes acaba por ser mandada matar por Germano.

Em França a lenda não precisa a época e lugares onde tudo aconteceu, mas é na Gasconha que o culto desta Santa está mais espalhado.

No fim do século XV a lenda entra em Espanha, como se verifica no breviário de Toledo de 1493, e aí é construída a fábula das nove irmãs gémeas, sendo Quitéria uma delas, e fantasiam-se lendas para cada uma destas irmãs.

Em Portugal para uns, os acontecimentos situam-se no Concelho de Felgueiras, para outros no Concelho de Arganil. Entre 1719 e 1724 constrói-se um Santuário dedicado a Santa Quitéria em Felgueiras.

No Porto, o culto inicia-se na Igreja do Colégio da Companhia de Jesus por volta de 1726 e em Lisboa, em 1715, na Casa Professa de S. Roque e nos Conventos dos Paulistas, de Jesus e do Carmo.

Em Alenquer dizem ter aparecido uma imagem da Santa, pelo que construíram uma Igreja de Santa Quitéria de Meca, que é igreja paroquial e única no país com esta padroeira.

Rua Maria Ulrich (Edital de 3 de Maio de 1989)

Maria de Lima Mayer Ulrich nasceu em 1908, na cidade de Coimbra e faleceu dia 24 de Novembro de 1988, em Lisboa.

Era filha de Genoveva de Lima Mayer, escritora, conhecida pelo nome de Veva de Lima, e do embaixador Rui Enes Ulrich. Pelo lado materno era neta de Carlos Mayer, um dos membros do grupo "Vencidos da Vida", grupo a que pertenceram Eça de Queiroz, Oliveira Martins e Ramalho Ortigão, entre outros. A família Mayer vivia na Quinta da Cruz do Taborda, hoje Largo do Andaluz e Av. Fontes Pereira de Melo.

Rui Enes Ulrich, proveniente de família de origem alemã, faz os seus estudos em Coimbra, é aluno brilhante, termina a licenciatura em 1904 e o doutoramento em 1906. É nomeado professor (lente) da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra no ano seguinte. Rui Enes Ulrich e Veva de Lima são surpreendidos pela implantação da República em 1910 e, sendo monárquicos convictos e amigos de João Franco, ficam numa situação difícil. Ainda em 1910 Rui Enes Ulrich pede a exoneração do cargo de professor universitário e no verão de 1911 a família Ulrich instala-se em Biarritz, onde permanece três anos. Maria tem três anos quando chega a França e vem fazer os sete a Portugal, dado o pai ter aceitado um convite para vir trabalhar para o Banco de Portugal. Em 1933 Rui Ulrich é nomeado embaixador em Londres e Maria acompanha os pais, permanecendo naquela cidade cerca de dois anos. Ao voltar para Portugal, Rui Ulrich volta ao ensino, sendo nomeado professor da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa e eleito director da mesma Faculdade em 1937. Aos 12 anos Maria Ulrich vai estudar para um internato em França, onde permanece alguns anos. Depois de regressar a Portugal, e entre 1939 e 1949, ingressa na Juventude Independente Católica Feminina (JICF), dedicando-se totalmente a esta Associação. É ela própria que, em entrevista publicada nos "Cadernos de Educação de Infância", em Outubro de 1988, ou seja, um mês antes do seu falecimento, refere que a JICF foi uma verdadeira Escola de Educação para todas as militantes. Esta organização lançava anualmente uma campanha sobre uma temática considerada essencial na sociedade portuguesa, tendo estudado a Educação em Portugal durante dois anos. Depois desses dois anos

Maria Ulrich diz ter compreendido, não só que a educação deveria começar pela infância, como também diz ter verificado a necessidade urgente de preparar profissionais. Em 1950 o pai é novamente nomeado embaixador em Londres e Maria volta a acompanhar a família. Já interessada pela educação, estuda Rousseau, Pestalozzi, Claparède, Piaget, identificando-se com Pestalozzi e Froebel. Visita Escolas Montessori onde analisa a utilização de materiais sensoriais na educação infantil. Ao regressar a Portugal traz conhecimentos, alguma experiência e também materiais que vai usar e ensinar a utilizar. Funda a Associação Pedagógica Infantil, Associação de Utilidade Pública, sem fins lucrativos, constituída pela Escola de Educação de Infância e pelo Colégio "O Nosso Jardim", com as secções infantil e primária, cujas actividades se iniciam no ano lectivo 1954/55. Cria a Fundação Maria Ulrich para dar apoio a obras que apelem para a formação da personalidade e para a valorização espiritual. Funda a Casa Veva de Lima Mayer / Museu Veva de Lima, em memória de sua mãe, cedendo a casa de seus pais e o respectivo espólio à Câmara Municipal de Lisboa. Este museu vai dedicar-se à realização de actividades culturais e sociais, relembrando assim os serões organizados por sua mãe onde se juntavam poetas, intelectuais, artistas das mais variadas áreas, músicos e pessoas de diferentes formações, interesses e de extractos sociais também diferentes, para ouvir música, poesia, teatro ou canto, ou simplesmente para conviver.

A Escola de Educação de Infância é hoje a Escola Superior de Educação Infantil Maria Ulrich e tem como áreas de actividade as seguintes:

- Formação do Educador – Cursos de Formação Inicial e de Formação Contínua;
- Intervenção Comunitária – Trabalho com crianças de rua
- Dimensão Internacional – Intercâmbio com Instituições Europeias;
- Intercâmbio Institucional – reflexão face à realidade educativa;
- Intercâmbio com Instituições de 1.ª Infância – Jardins Infantis, bibliotecas, Ludotecas, ATL's, Hospitais e Ensino especial.

Maria Ulrich manteve-se activa até pouco antes de falecer, vítima das consequências de uma fractura do colo do fémur.

Referências Bibliográficas

- Alves, Luísa Vian; Azevedo, Nair dos Anjos Pires Rios – *Quem foi Maria Ulrich*, Lisboa, Escola Superior de Educadoras de Infância Maria Ulrich, 1999.
- Alves, M.ª Paula; Infante, Sérgio – *Guias Contexto, Freguesia de Santos-o-Velho*, Contexto Editora Lda, Lisboa, Out. 1992.

- Araújo, Norberto de – *Peregrinações em Lisboa*, vol. II, Livro 7, Parceria Ant.^a Maria Pereira, Lisboa, s/d.
- Brito, Manuel Carlos de; Cymbron, Luísa – *História da Música Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1992.
- Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Lisboa, Editorial Verbo, 1988.
- Gabinete de Estudos Olisiponenses, CORVUSBase – Base de dados de Toponímia.
- História Genealógica da Casa Real Portuguesa* (Compil. por Sousa, António Caetano de, Lisboa Ocidental: – Joseph António da Silva, 1735-1748)
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. 14, pag. 43 a 46, 47, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia Lda, s/d.
- Jornal “Público”, 29 de Novembro de 1994.
- Lisboa – Revista Municipal* – Ano XLVII, 2.^a série, N.º 16, 2.º Trimestre de 1986, Número avulso, Edição da CML-D:S:C:C: Repartição de Acção Cultural – Palácio dos Coruchéus.
- Oliveira, Américo Lopes de, – *Dicionário de Mulheres Célebres*, Porto, Lello & Irmão, 1981.
- Rui Enes Ulrich, – in “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, vol. 33, pag. 331 a 332, Editorial Enciclopédia Lda, Lisboa, s/d.
- Santa Quitéria, “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, vol. 24, pag. 138, Editorial Enciclopédia Lda, Lisboa, s/d.
- Simas, Teresa de Castro – “Maria Ulrich. Uma Mulher-Uma Escola”, in *Cadernos de Educação de Infância*, N.º 8, Outubro-Novembro-Dezembro, 1988.
- Escola Superior de Educação Infantil Maria Ulrich – *Dossier Temático sobre a fundadora*.